

14 MAR 1997

CORREIO BRAZILIENSE

PESQUISA

DF  
**Aumenta a taxa  
de desemprego  
em Brasília no  
mês de janeiro**

Andrea Mota  
Da equipe do Correio

A taxa de desemprego de janeiro de 1997 aumentou em 0,3% com relação ao mesmo mês no ano passado, segundo revela pesquisa realizada pela Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), Secretaria de Trabalho, DIEESE e Fundação SEADE/DF em dezessete regiões administrativas do Distrito Federal. O diretor-presidente da Codeplan, Jorge Haroldo Martins, justifica o crescimento com o aumento da procura por trabalho ser superior à oferta do mercado. "Em janeiro de 1997 foram criados 1,9 mil empregos a mais que no ano passado, principalmente nos setores de Indústria de Transformação e no Comércio. Mas, a oferta de mão-de-obra superou esse índice incorporando 2,4 mil pessoas à população economicamente ativa do Distrito Federal nesse período", esclareceu.

O setor que mais ofereceu empregos à população foi o de Indústria de Transformação (principalmente o ramo de Alimentação), gerando 5,8 mil novas ocupações. "Ele ainda tem uma participação inexpressiva no Produto Interno Bruto local (3,8%), mas o crescimento de 20,4% registrado no primeiro mês do ano impulsiona ainda mais o desenvolvimento dessa atividade por aqui", prevê Jorge.

O setor do Comércio ocupa a segunda posição na geração de novos postos de trabalho (2,7 mil). Já o de Administração Pública e o de Serviços foram os que mais reduziram o número de oferta. Juntas, eliminaram 6,3 mil empregos do quadro. "Os ramos que mais sofreram queda mensal no índice de ocupação foram os creditícios (-6,8%), educação (-6,4%), especializados (-5,5%), saúde (-1,8%), auxiliares e reparação (-0,5%), limpeza e vigilância (-0,5%)", informa a técnica de pesquisas do DIEESE, Rosana Maia.

MÃO-DE-OBRA

Homens acima dos 40 anos de idade, chefes de família, de renda alta e intermediária (mesmo sendo constatada a queda de até 0,8% na taxa de desemprego para estas faixas econômicas) foram os mais atingidos pelo desemprego. Em contrapartida, a mão-de-obra desqualificada e de renda baixa foi a mais exigida entre janeiro de 96 a janeiro de 97, principalmente pelo setor de Indústria de Transformação.

"O disparate dessa atividade explica a redução na taxa de desemprego nas regiões administrativas do Distrito Federal mais pobres, já que não requisa trabalhadores qualificados", justifica o diretor-presidente da Codeplan, Jorge Haroldo Martins.

Outro dado significativo levantado pela pesquisa foi o aumento de 6,5% no número de assalariados do setor público, enquanto o privado se retraiu em 1,6%. "Neste, 54,7 mil trabalhadores não têm carteira assinada. Inclusive, esse índice foi um dos que cresceu assustadoramente", revelou.

RENDIMENTOS

O rendimento monetário bruto (sem desconto de Imposto de Renda e previdência social) efetivamente recebido pelos assalariados do Setor Privado sofreu um acréscimo de seis reais em dezembro de 96. Os empregados com carteira assinada acompanharam a tendência, uma vez que o rendimento aumentou em 1,9%. Já os que não tem registro na carteira enfrentaram a redução de R\$ 348,00 (novembro de 96) para R\$ 339,00. O Setor Público registrou um rendimento médio a mais. De R\$ 1.479,00 (novembro 96) para R\$ 1.527,00 em dezembro.

Os trabalhadores com renda menor (10% mais pobres) viram seus rendimentos subirem de R\$ 119,00 para R\$ 140,00. "É importante acrescentar que nesses dados estão excluídas as pessoas que tiveram rendimento zero, os trabalhadores familiares e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício", avisa a técnica de pesquisas do DIEESE, Rosana Maia.